

Judaísmo Cultural-Humanista

“Dentro dessa definição acreditamos que a identificação com o judaísmo é livre e pode se dar de diversas formas. Portanto, são judeus e judias pessoas que se definem como judias e se identificam como parte da civilização judaica” (Estatuto Artzi Habonim Dror Brasil, versão 2016-2017).

Eu sou do snif rj, da shichva de Mordim. Comecei a me identificar oficialmente com o judaísmo cultural-humanista a partir do ano passado, quando tive a oportunidade de fazer uma Hagadá de Pessach Cultural-Humanista para o seder da minha família. Para fazê-la eu utilizei tanto de fontes religiosas quanto de fonte cultural humanistas ou reformistas. E para mim, esse foi meu primeiro passo como um judeu autêntico.

O judaísmo que o Dror propõe em seu estatuto é um no qual, a meu ver, não há a necessidade de uma figura divina central, e utiliza de meios como *tikun olam* ou *tzedaká* para se realizar. Este trecho acima do estatuto é uma das frases mais bonitas no estatuto para mim, pois nela nós nos posicionamos de forma aberta a qualquer pessoa que sinta interesse pela nossa cultura-religião. Há um conto/piada rabinica muito boa, o conto diz que quando Messias chegasse ele ressuscitaria primeiro Moisés, este sendo um dos profetas hebreus do antigo testamento. No conto, quando Moisés voltasse ao mundo dos vivos ele iria primeiro para o Muro das Lamentações onde se depararia com milhares de judeus diferentes, praticando judaísmo de maneiras diferentes (ashkenazi & sefardi, cabalá, chabad, e muito mais). Então as primeiras palavras que sairiam da boca de Moshe seriam: “Que povo é esse?”

Este conto me define como judeu. Pois para mim o judaísmo é isso. É talvez uma das únicas religiões que se permitiram mudar com o tempo, criando vertentes novas com ideias divergentes. Algumas dessas vertentes podem ter se perdido com o tempo, como os Essênios, mas outras surgem como o meu judaísmo. O judaísmo do Habonim Dror. O Judaísmo Cultural-Humanista.

Me deparo constantemente com perguntas de conhecidos como “o que é ser judeu cultural-humanista?” “onde você conheceu isso?” “vocês praticam chaguim?”. Para essas perguntas eu prefiro deixar claro primeiro que não sou autoridade no assunto, segundo que as minhas respostas podem ser diferentes de outro judeu cultural-humanista, pois como em todos os braços do judaísmo, há tensões internas (o que não é só normal como beneficente para nossa constante evolução).

Mas em resumo, como eu atuo como judeu cultural-humanista? Eu constantemente ressignifico práticas judaicas, dando-as um propósito mais condizente com o meu ver desta religião. “Deve também se conectar com o passado, o presente e o futuro do povo judeu, valorizando e preservando sua história, preocupando-se com seu estado atual, suprimindo suas necessidades e desenvolvendo-o em um caminho mais humanista,” (Estatuto Artzi Habonim Dror Brasil, versão 2016-2017). Esse trecho do nosso estatuto é essencial para que entendam que não fazemos parte de uma vertente rebelde, mas sim de uma crítica, mas que não quer se perder de sua história, de sua *cultura*.

Para mim, Dan, isso é o judaísmo cultural-humanista. Um judaísmo ainda em seus primórdios que possui um potencial enorme. Esse é o meu judaísmo e o de nossa tnuá. Seja qual for a sua ligação

Teehezaknu Judaísmo

com judaísmo, sempre estarei aberto ao debate, assim como nossa tnuá, principalmente nas veidot. Por enquanto é isso.

Ale Ve'Agshem!

Dan Griner Taublib, snif RJ, Mordim

Definir judaísmo é uma missão difícil, talvez impossível. Para alguns, trata-se de uma religião, para outros, ser judeu é fazer parte de um povo; há quem acredite que é uma cultura. Cada um tem sua definição. Para mim, judaísmo é a eterna busca pela nossa identidade.

Ao longo do tempo o povo judeu desenvolveu diversas maneiras de praticar suas tradições: reformismo, masorti, ortodoxia, o tão familiar judaísmo secular e tudo que há no meio disso. Apesar de tão diferentes, todas as linhas tem algo em comum: os chaguim. Você celebra os chaguim? Qual seu favorito?

Agora, no fim de setembro, temos duas das datas mais significativas do calendário judaico, Rosh Hashaná e Iom Kipur. Nestes dias, judeus do mundo inteiro param durante alguns dias para pensar sobre o ano que passou e o que pode melhorar neste ciclo que se inicia. É hora de repensar essa tal 'identidade judaica'. Quem somos? O que é significativo para nós?

Um recomeço é sempre uma oportunidade – desde que haja vontade de mudar. Rosh Hashaná traz o ano de 5778 e, com ele, a chance de pensarmos um pouco no que é ser judeu, o que nos define como parte do povo, dessa cultura, dessa religião. traz a chance de pensarmos por que e como devemos perpetuar nossas raízes. Somos o povo escolhido? Qual foi a última vez em que você estudou sobre o judaísmo?

Há diversas maneiras de celebrar Rosh Hashaná. Para alguns, é momento de estar com a família, para outros, de ir para a sinagoga e rezar. Talvez seja uma oportunidade para ter um jantar daqueles ou de reencontrar aqueles parentes que não víamos desde o seder de Pessach. Como é seu ano novo judaico? O que você mais gosta?

Dez dias depois, vem Iom Kipur, o dia que mais leva pessoas para as sinagogas no ano. Em São Paulo, são aproximadamente 25 mil judeus espalhados pelas centenas de instituições para ouvir o toque do shofar que encerra o jejum de 25 horas. Você jejuou? Vai a sinagoga ouvir o shofar?

Iom Kipur nos dá a fórmula pronta: ficamos sem comer por mais de um dia para sofrermos um pouco e conseguirmos pensar no que podemos melhorar para o ano que começou há pouco mais de uma semana. Isso é significativo para você? Pelo que você pediu perdão no último ano?

Tenho a impressão de que alguns de nós nos perdemos na busca pela identidade judaica e só lembramos da religião, da cultura e das tradições três vezes ao ano, em Rosh Hashaná, Iom Kipur

e Pessach, porque nestas datas temos uma “fórmula pronta”, já sabemos o que devemos fazer. Você concorda? O que te faz judeu o resto do ano?

Quem decide o que te faz judeu é você. Pode ser que sejam seus princípios, pode ser o costume de fazer shabat toda sexta-feira ou a maneira diferente que você encontrou de celebrar os chagim. O importante é que seja o que você acredita, o que seja construtivo para você e o que te faça questionar sempre o que é ser judeu para você.

Aliás, essa semana foi Rosh Hashaná...quem sabe não seja uma boa hora para pensar nisso e começar o ano de uma forma diferente.

Anita Efraim

Peilá em 2015 no snif São Paulo

Desafios do judaísmo para o século XXI

Este artigo foi escrito em fevereiro de 2008 e revisto para o contexto de 2011

Jerusalém, 1 de Julho de 2017-09-12

“Não somos só povo, terra, diáspora, religião, cultura ou filosofia, somos um pouco de tudo, pois somos uma civilização”. Acho essa visão de Mordechai Kaplan brilhante e atual nesse novo momento, onde o judaísmo em geral está sendo absorvido por um novo desafio de valores que é a globalização, exatamente como foi na revolução francesa, o iluminismo e a revolução bolchevista nos últimos 200 anos.

No conceito clássico do judaísmo moderno da “era das revoluções”, nos judeus seculares tínhamos definições ideológicas “claras”, como ser sionista, ou anti sionista, bundista, Trotskistas, liberais, direita ou esquerda.

Com a globalização, o judaísmo pós moderno nos deu a possibilidade de ser um pouco de tudo, somos um judaísmo individualizado, onde se legitima ser sionista na diáspora e de ser comunidade em Israel, de frequentar o Beit Lubavith no shabat, fazer o barmitzva com o rabino conservador, converter a esposa ou o marido na sinagoga reformista, incentivar os filhos a participar de um movimento juvenil, de esquerda, apoiando ardentemente a política dos partidos de direita em Israel.

Isso tudo se torna uma grande coerência nesse judaísmo individualizado. Pertencer a tudo ao mesmo tempo e não ter compromisso com nada.

O judaísmo virou um grande Shopping Center nesse novo século, onde o “cliente” (o judeu) escolhe o judaísmo como se fosse um produto de mercado.

Ser judeu no mundo global é algo pessoal, individual; não mais te exige a pertencer a um “clube ideológico” ou vestir uma só camisa ou ter uma só bandeira. Grande parte dos judeus no mundo global são judeus “camaleões”, sendo legítimo ter várias identidades judaicas conforme o momento, a situação, e o gosto pessoal de cada um.

Teehezaknu Judaísmo

Esse espaço aberto sem fronteiras criado pela globalização levará sem dúvidas à transformação do judaísmo e do estado de Israel. Ele abrirá novos caminhos judaicos, permitirá criar novos marcos de judaísmo, novas correntes, novas sinagogas, novos rabinos, novos modelos de vida comunitária, novas culturas e novos judeus, sobretudo criará uma nova visão de relações entre comunidade e o estado de Israel.

Esse judaísmo pós moderno já é parte de uma rede planetária, onde cada um pode manter uma relação virtual imediata com o seu mundo judaico, possibilitando inclusive que cada um crie e participe de sua própria comunidade judaica virtual, produzindo de forma independente cultura, valores e conhecimentos judaicos.

A revolução global levará o mundo judaico a procurar uma nova redefinição de suas identidades, terá novas formas de se manifestar como judeus, criará uma nova relação com Israel, já sentida fortemente nas novas manifestações e nas tendências de comportamento das comunidades judaicas e dos judeus.

Uma dessas tendências está na revisão da centralidade de Israel, que para muitos dos judeus do movimento sionista cumpriu seu papel na historia, Israel se tornando mais um importante centro judaico no mundo, e não mais o único.

Para os judeus seculares da esquerda sionista, Israel foi uma necessidade histórica do passado, que não conseguiu cumprir seu papel moral e ético com a questão palestina, deixando a desejar de ser para o mundo um “or la goim”, a luz da comunidade. Em muitos casos Israel continua a ser para esse grupo um importante centro, porém sua realidade política se tornou inaceitável.

Para a direita fundamentalista e ultra nacionalista, o judaísmo e Israel são fruto de uma visão messiânica, são contrário a qualquer tendência de mudança que possa ameaçar sua visão messiânica, onde acreditam que para alcançar seus objetivos deverão usar todos os seus recursos, e essa postura já teve sua prática do assassinato de Yzrak Rabin, as ameaças que sofreu com o ex primeiro ministro Ariel Sharon na devolução de Gaza, e as atuais leis anti democráticas e posturas racistas de lideranças rabínicas contra os laicos judeus e a população árabe israelense.

Para a direita liberal nacionalista, o estado de Israel vive numa permanente realidade geopolítica de ameaça de sua existência, vê o processo de paz como uma ameaça aos seus direitos históricos da “grande Israel”, apoiando e incentivando a colonização de novos assentamentos judaicos nos territórios ocupados em 1967. Criando para sua sobrevivência política frentes com a direita religiosa ultra nacionalista que tem em comum a “grande Israel”.

Para os grupos ortodoxos não sionistas, o estado judeu foi um desastre da sua experiência secular, esses grupos usam o termo “Israel é o lugar de goim (leigos) que falam hebraico”. Essa mesma tendência nega Israel como um “centro judaico moderno”, nega as suas leis, e Israel é para esses grupos um Centro Espiritual Bíblico.

E finalmente a postura mais popular nos dias de hoje entre os grupos dos judeus das comunidades, é de um lado um forte apoio à existência do estado judeu e a seu governo. Para esse grande grupo Israel é um refúgio pessoal em caso de momentos difíceis, e do outro lado esses grupos se relacionam com Israel como uma antítese de sua própria missão criadora de garantir a existência e a segurança física para os judeus, considerando Israel o lugar mais inseguro no mundo para se viver como judeu, porém “um bunker pessoal necessário”.

A globalização continuará criando novas perspectivas e avanços tecnológicos para o mundo, porém estará criando profundos abismos e paradoxos para a humanidade, sua tecnologia e economia global estará promovendo novos-ricos, mas estará deixando um grande rastro de nova pobreza, marcado principalmente na classe média judaica, cada vez mais empobrecida, e em consequência as novas crises econômicas, que promoverão o surgimento de um novo êxodo judaico, não mais para Israel e sim para novos centros judaicos como Alemanha, Espanha, Austrália e Canadá.

Com certeza o judaísmo caminhará para um novo rumo, possibilitará a legitimidade da existência de novas correntes judaicas, e criará novas definições de ser judeu, terá novas comunidades,

novos rabinos, novos judeus que se manifestarão em estruturas comunitárias judaicas totalmente autônomas e independentes da tradicional.

A globalização nos levará a um novo conceito de judaísmo secular, porém o judaísmo religioso criará novas barreiras para se proteger da influencia desses valores da globalização. O judaísmo religioso será ainda mais fechado e dogmático, colocará a margem milhares de judeus, que terão o desafio de criar para sobreviver como judeus sua própria alternativa judaica secular.

Nós judeus seculares temos que saber como enfrentar esses grandes obstáculos neste próximo século, entre tantos e outros que já enfrentamos, estará a necessidade de uma definição mais clara desse conceito “judaísmo como civilização”. Neste processo o filósofo e sociólogo judeu Edgar Morin nos dá uma pequena dica, numa definição brilhante de como chegar a essa civilização.

“Para chegarmos à civilização mundial, seria preciso que fossem conquistados grandes processos do espírito humano, não tanto de suas capacidades técnicas e matemáticas, não apenas no conhecimento das complexidades, mas em sua interioridade psíquica”.

Jayme Fucs Bar

JUDAÍSMO E FEMINISMO

As interpretações religiosas sofreram forte impacto do feminismo desde o aparecimento de temas dedicados à denúncia da condição de opressão das mulheres, tendo como principais fatores a superioridade e a dominação imposta pelos homens (é possível encontrar na historiografia dos séculos 15 e 18, mas os estudiosos do tema creditam ao contexto social e político da Revolução Francesa (1789) - e, portanto, do Iluminismo - o surgimento do feminismo moderno). Seja pelas mudanças provocadas nas práticas religiosas das mulheres, seja no desenvolvimento de um novo discurso interpretativo, os efeitos do feminismo nas interpretações religiosas foram dos mais diversos: do abandono de qualquer fé religiosa pelas mulheres, à criação de espaços feministas de espiritualidade de vários tipos.

Entre os temas trabalhados por esse discurso pode-se apontar críticas como a imagem masculina da divindade, a figura submissa e virginal de Maria, a imagem pecadora de Eva, as interpretações sexistas das principais fontes (a Bíblia, o Talmude, o Alcorão, os escritos do Budismo), etc. Várias teólogas partem de tais questionamentos, para propor uma transformação de seu próprio credo religioso, ou a criação de grupos novos, fundados sobre antigas crenças, recuperando figuras femininas de deusas, bruxas, assim como rituais considerados pagãos.

Uma outra área de interesse é o poder institucional e os efeitos sociais e políticos da implicação religiosa das mulheres. A crítica feminista à sociologia das organizações sociais ofereceu os elementos necessários à crítica da análise das instituições religiosas. No campo católico, por exemplo, o uso genérico de categorias como clero, hierarquia, sem referência ao fato de que se referem a um grupo exclusivamente masculino impede a análise das relações de poder que presidem a organização dessa instituição religiosa. Já no caso judaico, o domínio tradicional das mulheres na vida judaica era o lar. Era o rabino masculino que regulava a prática de kashrut, as atividades religiosas que ocorriam na esfera pública fora do lar, como estudo, oração, e estas eram obrigatórias apenas para os homens.

Teehezaknu Judaísmo

Seja pela crítica às interpretações das fontes e rituais ou pela crítica ao poder institucional masculino, surge, na década de 1970 o Judaísmo Feminista. O movimento reformista do século XIX já havia adotado algumas medidas destinadas a igualar o papel das mulheres na sinagoga, mas foi apenas após a explosão do feminismo da década de 1960 que mulheres passaram a formar-se rabinas e lutar por igualdade de direitos religiosos, mesmo com a não aprovação de tais feitos por parte de linhas religiosas mais ortodoxas.

Foram feitas revisões dos principais temas da Torá, Deus e Israel, reformulando os significados da comunidade e da teologia judaica numa perspectiva feminista, novas orações para refletir a experiência da feminilidade judaica, grupos de oração e de estudo de mulheres, muitos reunidos em torno de Rosh-Chodesh (o primeiro mês lunar - uma ocasião para observar a lua nova e celebrar os ciclos corporais das mulheres). Personagens com Vashti e Esther, Dvorah, Miriam, Sarah, Rivkah, Rachel, Leah, entre outras, passam a ser mais valorizadas na cultura judaica.

Mulheres judias além das principais fontes judaicas passam as ser estudadas e tornam-se exemplos de representatividade. As mulheres que conquistaram o direito de voto no 2º Congresso Sionista, as Chalutzot, Golda Meir, mulheres da WIZO e da Na'amat, a poetisa Raquel Bluwstein, Hanna Arendt, o Movimento Nashot HaKotel, o recorte de gênero sobre a Shoá do Remeber the Women Institute, entre muitas outras elevam e disseminam o discurso do feminismo judaico, seja por suas palavras ou por seus atos.

No século XX, as mulheres judias vêm protagonizando inúmeras formas de judaísmo, liderando instituições comunitárias e sionistas e atuando em importantes setores na sociedade para além da comunidade judaica. Ainda há muito a ser feito, portanto, cabe a elas e ao discurso do Judaísmo Feminista tornar a cultura judaica um espaço mais igualitário onde o gênero não é uma limitante.

Carol Beraja, Snif SP

FONTES:

“O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões” - Maria José Rosado (Dossiê: Feminismo em questão, questões do feminismo)

“Feminism and Judaism” - The Pluralism Project (Harvard University)

Jewish Women's Archive (<https://jwa.org/>)